

Dossiê – Linguística e Literatura Marginal: linguagens em disputa

Bajubá, subjetividade travesti e resistência no romance *Neca*, de Amara Moira

Bajubá, trans woman subjectivity, and resistance in the novel Neca, by Amara Moira

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.5316

Revista Fios de Letras

ISSN: 2966-0130

v. 3, n. 06, e062609, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

1 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Graduado em Letras Português pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (FALLA/UEPB).

Bruno Pedro da Silva ¹



Universidade Estadual da Paraíba



bruno.silva@aluno.uepb.edu.br



Resumo: Este artigo analisa o funcionamento discursivo do bajubá, também denominado pajubá, na obra *Neca – Romance em bajubá* (2024), da escritora travesti Amara Moira. Ancorado na Análise do Discurso de linha francesa, em diálogo com os estudos queer e de gênero, o estudo investiga, a partir do mapeamento de regularidades enunciativas, como essa linguagem travesti, marcada pela oralidade e pela marginalidade, constitui-se como uma formação discursiva dissidente. A análise examina de que modo o romance, por meio de sua radicalidade linguística e temática, critica o cânone literário, reinscreve a subjetividade travesti e forja novos sentidos para a experiência literária e política. Os resultados indicam que o uso do bajubá, articulado ao erotismo, à escatologia e à intertextualidade, não apenas representa uma realidade social, mas produz um lugar de enunciação que desestabiliza as fronteiras entre norma e margem, literatura e vida.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Bajubá. Amara Moira. Literatura Travesti. Subjetividade Dissidente.

Abstract: This article analyzes the discursive functioning of bajubá, also known as pajubá, in *Neca – Romance em bajubá* (2024), by the travesti writer Amara Moira. Grounded in French Discourse Analysis and in dialogue with queer and gender studies, the article investigates, through the mapping of enunciative regularities, how Brazilian travesti language, marked by orality and marginality, constitutes itself as a dissident discursive formation. The study examines how the novel, through its linguistic and thematic radicality, critiques the literary canon, reinscribes travesti subjectivity, and forges new meanings for literary and political experience. The analysis shows that the use of bajubá, articulated with eroticism, scatology, and intertextuality, not only represents a reality but also produces a locus of enunciation that destabilizes the boundaries between norm and margin, literature and life.

Keywords: Discourse analysis. Bajubá. Amara Moira. Transgender woman literature. Dissident subjectivity.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Verificador de Plágio

Plagius

Introdução

A literatura brasileira contemporânea tem sido palco de crescentes disputas por representação e legitimidade, com a emergência de vozes historicamente silenciadas que reivindicam o direito à enunciação e à autoria. Nesse cenário de reconfiguração do campo literário, a obra de Amara Moira se destaca como um divisor de águas. Escritora travesti, doutora em Teoria e Crítica Literária pela UNICAMP e ex-prostituta, Moira traz para o centro do debate literário as experiências, os saberes e, fundamentalmente, a linguagem de corpos dissidentes. Em 2024, seu primeiro romance, *Neca – Romance em bajubá*, publicado pela Companhia das Letras, radicaliza essa proposta ao ser integralmente construído em bajubá, também denominado pajubá e definido pela autora como “a língua das travas”.

O romance se estrutura como um longo monólogo da personagem Simona, uma travesti e prostituta que narra suas memórias, afetos, violências e prazeres, transitando entre o Brasil e a Europa. A narrativa mescla, de forma visceral, o erotismo explícito, a escatologia, reflexões sobre o desejo e a solidão, além de um diálogo ferino e debochado com o cânone literário ocidental. A singularidade da obra, contudo, reside em seu projeto linguístico. O bajubá, um dialeto de base portuguesa atravessado por termos de matriz africana (como o iorubá), neologismos e gírias da comunidade LGBTQIAP+, constitui não apenas o veículo da história, mas a própria materialidade do discurso que dá forma à subjetividade da protagonista. A essa base, Simona ainda incorpora termos em italiano, fruto de sua experiência como garota de programa na Itália, complexificando ainda mais essa tessitura linguística.

A linguagem, nesse contexto, deixa de ser um instrumento transparente de comunicação para se tornar o próprio campo de batalha. O bajubá, forjado nas ruas, nas esquinas da prostituição e nos espaços de sociabilidade de travestis e transexuais, carrega as marcas da exclusão, da perseguição e da necessidade de criar códigos de reconhecimento e proteção. Ao transportá-lo para o espaço legitimado da alta literatura, Amara Moira produz um gesto de insubordinação simbólica.

É a partir dessa provocação que este artigo se desenvolve. Diante do exposto, a questão que mobiliza esta pesquisa é a seguinte: de que modo o bajubá, enquanto linguagem dissidente, funciona discursivamente em *Neca* como estratégia de subversão, de reinscrição da subjetividade travesti e de crítica ao discurso dominante do cânone literário? Para responder a essa pergunta, partimos da hipótese de que, no romance, o bajubá transcende a função de mero registro de uma oralidade marginal. Com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, consideramos que o discurso é atravessado pela ideologia e que os sentidos são efeitos produzidos nas relações de força entre diferentes formações discursivas.

Ancorado nesse arcabouço teórico, o objetivo geral desta investigação é analisar o funcionamento discursivo do bajubá e da voz travesti na obra, compreendendo como essa linguagem reinscreve subjetividades dissidentes, subverte o cânone e forja novos sentidos para a experiência literária e política. Para alcançar tal meta, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) investigar a constituição discursiva do sujeito travesti no romance; b) compreender o bajubá como formação discursiva marginal e performática; c) refletir sobre os efeitos de sentido produzidos pelo erotismo, pela escatologia e pela linguagem da prostituição na narrativa.

1. Percorso teórico-metodológico

Este estudo se assenta sobre o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, cujas bases foram lançadas por Michel Pêcheux. A AD nos permite compreender a língua não como um sistema abstrato e neutro, mas como um lugar de manifestação da ideologia, onde os sentidos são produzidos em condições sócio-históricas específicas. Para Pêcheux (2009), o discurso é “efeito de sentidos entre locutores” e sua materialidade é a língua, mas seu funcionamento é regido pelo que ele denomina formações discursivas (FD).

Uma formação discursiva, segundo o autor, é “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2009, p. 160). As FDs representam posições ideológicas e regulam os processos de significação, estabelecendo uma rede de sentidos possíveis para os sujeitos que nelas se inscrevem. O sujeito do discurso, portanto, não é a origem do dizer, mas é interpelado pela ideologia a ocupar um lugar nessa estrutura. Ele se ilude de que é a fonte de seu dizer, quando, na verdade, seus enunciados são atravessados por um interdiscurso, ou seja, uma memória discursiva, um conjunto de saberes e dizeres já ditos que circulam socialmente e que sustentam e limitam sua fala. Como afirma Eni Orlandi (2001, p. 31), “o já dito é a condição do dizível”.

É nesse ponto que a AD se torna uma ferramenta potente para analisar “Neca”. O bajubá pode ser compreendido como a materialidade linguística de uma formação discursiva travesti, historicamente situada à margem da FD dominante, que se ancora na norma culta, no patriarcado, na cis-heteronormatividade. A escolha de Amara Moira de escrever um romance em bajubá, e não sobre o bajubá, é um gesto que inscreve essa FD no campo literário, forçando um deslocamento nas relações de poder simbólico.

Para pensar as especificidades dessa FD, dialogamos com teóricas dos estudos de gênero e queer. Judith Butler (2003) é central para compreendermos a dimensão performativa da linguagem. Para a autora, o gênero não é uma essência interior, mas uma performance, um conjunto de atos estilizados e repetidos que produzem a aparência de uma substância natural.

A linguagem, nesse sentido, é um dos principais mecanismos de reiteração das normas de gênero. O discurso travesti em “Neca”, ao subverter a gramática e o léxico, atua como uma performance linguística dissidente, que parodia e desnaturaliza as normas da língua e, por extensão, as normas de gênero.

O conceito de contrassexualidade de Paul B. Preciado (2014) também ilumina a análise. Preciado propõe um regime de desobediência aos protocolos sexuais e de gênero impostos pelo que ele chama de “regime farmacopornográfico”. A linguagem de Neca, com sua crueza erótica e escatológica, funciona como uma prática contrassexual que recusa o pudor e a higienização dos corpos e dos discursos, expondo o desejo como uma tecnologia política. A obra de Berenice Bento (2006), por sua vez, nos ajuda a pensar a “reinvenção do corpo” travesti no Brasil, um corpo que é simultaneamente alvo de violência extrema e agente de sua própria resignificação. A linguagem, nesse processo, é fundamental para a construção de uma subjetividade que resiste à abjeção.

Finalmente, para analisar as tensões com o campo literário, recorreremos aos conceitos de intertextualidade e cânone. A intertextualidade, como pensada por Roland Barthes (1974), sugere que todo texto é um mosaico de citações, uma absorção e transformação de outros textos. Em “Neca”, esse diálogo não é pacífico. Como aponta Linda Hutcheon (1991) sobre a paródia, a repetição com diferença irônica é uma forma poderosa de crítica. O romance de Moira utiliza o interdiscurso canônico para corroê-lo por dentro, inscrevendo a voz travesti em uma tradição que sempre a excluiu.

A presente pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa e de cunho interpretativo, fundamentada nos procedimentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD). O objeto de análise é o romance *Neca – Romance em bajubá*, de Amara Moira, compreendido aqui como um acontecimento discursivo: um ponto de ruptura na ordem do discurso que torna visível o funcionamento das ideologias e produz novas posições de sujeito (Orlandi, 2012).

O corpus da análise é constituído por recortes selecionados da obra. Por mais que a seleção não siga um critério de exaustividade, ela obedece a uma rigorosa pertinência teórico-analítica em relação aos nossos objetivos. A definição desse corpus ocorreu por meio de leituras flutuantes e sucessivas do romance, buscando mapear os momentos em que a materialidade linguística do bajubá entrava em confronto direto com a norma culta e os discursos hegemônicos. Chegou-se às formações discursivas analisadas a partir da identificação de regularidades enunciativas no discurso da protagonista Simona, especificamente nas sequências que mobilizam a oralidade performática, bem como o erotismo e a escatologia. Ao contrastar essas regularidades com a memória discursiva fortemente marcada na sociedade (como o interdiscurso médico, o moral-religioso e o literário canônico), foi possível delimitar e descrever o funcionamento da formação discursiva travesti como um espaço autônomo de

resistência e produção de novos saberes. O gesto analítico não visa “interpretar” o que a autora ou a personagem “quiseram dizer”, mas sim descrever e analisar o funcionamento da linguagem em sua materialidade, buscando compreender os efeitos de sentido produzidos a partir dessas condições de produção.

As condições de produção do discurso de “Neca” envolvem: a) o contexto imediato: a situação de enunciação da personagem Simona, que se dirige a um interlocutor implícito em um monólogo confessional e performático; b) o contexto sócio-histórico: a publicação da obra por uma grande editora Companhia das Letras, o que a insere em um campo de poder simbólico específico; a trajetória de Amara Moira como intelectual e ativista travesti; e o cenário político brasileiro de intensas disputas em torno de pautas de gênero e sexualidade.

A leitura discursiva dos trechos selecionados se concentrará em três eixos principais, derivados dos objetivos específicos da pesquisa. O primeiro eixo contempla as marcas linguísticas do bajubá e seus efeitos de sentido, com atenção ao léxico, à sintaxe e à prosódia que caracterizam essa linguagem no texto. Serão observados neologismos, como aqüé, ocó, erê, neca e mona, ressignificações de termos do português padrão e a incorporação de palavras estrangeiras, como o italiano e o iorubá, a fim de compreender como se constrói um universo semântico próprio. O segundo eixo trata da construção do sujeito travesti em relação ao discurso dominante, investigando as marcas enunciativas que constituem a posição-sujeito da personagem Simona e sua relação com discursos médicos, religiosos, familiares e literários. O terceiro eixo volta-se aos dispositivos de resistência simbólica, analisando o funcionamento do erotismo, do escracho, da ironia e da escatologia como estratégias que desestabilizam discursos higienizadores e moralistas sobre o corpo e a sexualidade.

2. Essa neca é babado! O bajubá como formação discursiva travesti

Nesta seção, procederemos à análise discursiva do romance, articulando os eixos metodológicos propostos com a fundamentação teórica. A análise está dividida de modo a contemplar os objetivos específicos da pesquisa.

2.1 O bajubá como uma formação discursiva dissidente

A escolha radical de Amara Moira por uma escrita majoritariamente em bajubá posiciona o romance “Neca” como um marco na literatura brasileira. A língua, aqui, não é um véu transparente que recobre uma realidade pré-existente; ela é a própria materialidade onde a ideologia opera e onde a resistência se inscreve. O bajubá, neste sentido, funciona

como a espinha dorsal de uma formação discursiva travesti, que se ergue em oposição e em tensão com a formação discursiva dominante, cuja materialidade é a norma culta da língua portuguesa.

Como aponta Orlandi (2001), toda FD estabelece uma região de dizíveis. Ao ler “Neca”, o leitor não familiarizado com o dialeto experimenta um profundo estranhamento. Termos como “fazer a loka” (perder o controle), “dar close” (chamar a atenção, arrasar), “aquê” (dinheiro), “erê” (criança, ou por extensão, um homem jovem e ingênuo) ou “neca” (pênis) não são meros regionalismos ou gírias. Eles constituem um sistema lexical próprio, que nomeia o mundo a partir de uma perspectiva específica: a da vivência travesti na prostituição. A sintaxe também é marcada por uma oralidade performática, com frases curtas, inversões e um ritmo que emula a fala.

Considere-se, por exemplo, uma passagem em que Simona, a personagem principal, apresenta uma crítica à falta de prevenção contra a AIDS, revisitando a realidade de muitos que negligenciam a saúde em prol do prazer:

[se antes já existia] agora só aumentou o número dessas que são alérgicas a juízo e guanto, as entusiastas do “sinta na pele essa emoção”, método mais tradicional desde Adão e Eva pras letrinhas todas do abecedário ganharem esse mundão de Deus. Com destaque especial pra aquelas quatro que não saem nunca de moda. Entra década, sai década e elas têm ainda joelho pra subir e descer na boquinha da garrafa: A de aquê, I de ilusão (o outro nome do Amor), D de didê, S de senza. Qüêsta é a riceta do bolo, os ingredientes todos pra ele crescer e aí é o deus nos acuda que todas conhecem múi biên – é viado de terço na mão, é viado chorando, viado fazendo promessa de se converter, voltar a ser oco. Uó. Dindim, paixão, tesão, qualquer desses itens a mais, e nem precisa ser muito a mais não, pronto, ó lá ela abrindo mão do guanto (Maira, 2024, p. 38).

A forma como Simona constrói a sequência “A de aquê, I de ilusão, D de didê, S de senza” produz uma crítica direta à epidemia de AIDS e aos comportamentos de risco. A personagem se apropria da sigla e a reinscreve no vocabulário do bajubá, associando-a a dinheiro, ilusão, tesão e ausência de proteção. O termo “aquê” remete à dimensão econômica que atravessa a prostituição; “didê” aponta para o desejo sexual; e “senza”, em italiano, articulado a “guanto”, desloca a camisinha para uma rede linguística híbrida. Desse modo, o enunciado evidencia que o sexo desprotegido não aparece apenas como decisão individual, mas como efeito de condições materiais, afetivas e discursivas que atravessam a experiência narrada.

A crítica de Simona ganha ainda mais força quando ela ironicamente traduz a sigla AIDS como “A de aquê, I de ilusão (o outro nome do Amor), D de didê, S de senza”, para descrever a busca por prazer e o risco à saúde. A personagem aponta que a falta de uso da camisinha é uma escolha muitas vezes impulsionada por dinheiro, ilusão, tesão e paixão,

resultando em um cenário de sofrimento e arrependimento, como ilustrado na frase “é viado de terço na mão, é viado chorando, viado fazendo promessa de se converter, voltar a ser oco [homem]”. Neste enunciado, o sentido não é acessível apenas pela decodificação das palavras. Ele se constrói na relação entre esses termos e a memória discursiva da comunidade que os utiliza. Para o público interno (outras travestis, membros da comunidade LGBTQIAP+), ele gera um forte efeito de reconhecimento e pertencimento. A língua funciona como um código de proteção e identidade, um espaço seguro. Para o público externo, o efeito é de exclusão controlada. O romance não se oferece de forma fácil; ele exige que o leitor se desloque de sua posição de conforto, que aprenda uma nova língua, que se esforce para entrar em outro universo de sentido.

Este gesto é profundamente político. Ele inverte a lógica da assimilação, onde a minoria deve traduzir sua experiência para a linguagem da maioria a fim de ser compreendida e validada. Em “Neca”, é a norma que é colocada em xeque. O bajubá, portanto, não é um desvio ou um erro, mas a manifestação de uma outra norma, com sua própria gramática e sua própria lógica, sustentada por uma FD que diz: “nós existimos, nós temos uma língua, e é a partir dela que vamos contar nossas histórias”. A inclusão de termos em italiano (*ragazzo*, *soldi*, *cazzo*) reforça essa ideia de uma linguagem híbrida, de fronteira, que se molda à trajetória do corpo que a enuncia.

A complexidade dessa formação discursiva se aprofunda ao considerarmos o bajubá como uma língua em trânsito, que reflete as rotas migratórias de seus falantes. A própria personagem principal afirma que “produto de exportação não é só futebol, nananão, acho que travesti é até mais”, (Moira, 2024, p. 10) entendendo, assim, que esses corpos e subjetividades são moldados por deslocamentos internacionais, muitas vezes ligados à prostituição na Europa. Essa diáspora se inscreve na materialidade linguística de Neca, que não se limita ao italiano. O francês e o espanhol também emergem em seu fluxo de consciência, não como línguas aprendidas formalmente, mas como fragmentos capturados na vivência das ruas, hibridizando ainda mais seu idioleto. A passagem a seguir é exemplar dessa apropriação fluida e irônica:

Eu arranho um françoá vez ou outra. Sivuplê é obrigada... não, não, obrigada é merci, e merci bocu é grátzie mile, tá, meu bem?! Aí como anda le vi, quase igual português, je tâm, bom, je tâm tuti lo sano, trê biâm, bonsuá, zé fini. Sivuplê hó dimenticato, mi scusi. Te digo assim que lembrar. Tudo o que aprendi foi na rua, igual o bajubá. Antes eu falei “pajubá”, “pá”? Eu? Bicha, cê tá ouvindo coisa, isso sim. Qual o jeito certo, eu, hein... ensinam isso na escola, agora? Sim, deu no Enem, o Bozo ficou louco, ô se eu vi, mas daí a professor com livrinho, a gramática lá dele, fazendo a gente copiar com “pá” ou “bá”, as travestir tudo sentada na carteira decorando, já pensou? Bajubá se aprende assim não. Se a bicha ouve com “bá”, fala “bá”, se com “pá”, “pá”, ou como der na telha. Comunqüe, ma dove era io? (Moira, 2024, p. 9).

Neste trecho, o trânsito entre francês (françoá, sivuplê, merci), italiano (grazie mille, ho dimenticato, comunque) e português atravessado pelo bajubá é vertiginoso. A personagem não apenas mistura os idiomas, mas também reflete sobre a própria natureza de seu aprendizado: “Tudo o que aprendi foi na rua, igual o bajubá”. Essa declaração reforça o status do bajubá como um saber prático e corporal, oposto ao saber letrado. A ironia com que Simona imagina uma gramática normativa do pajubá ensinada em escolas funciona como crítica mordaz a qualquer tentativa de captura dessa linguagem. A verdadeira “norma”, para ela, é a da performance e da escuta comunitária, inclusive no modo como a palavra “pajubá” ou “bajubá” é compreendida e referenciada: “Se a bicha ouve com ‘bá’, fala ‘bá’, se com ‘pá’, ‘pá’, ou como der na telha”. Assim, a inclusão de termos estrangeiros testemunha discursivamente as andanças desse corpo dissidente pelo mundo, que recolhe e ressignifica os fragmentos linguísticos que encontra, reforçando a identidade transnacional do sujeito travesti.

Entende-se por formação discursiva um sistema que regula o que pode ser dito sobre um determinado objeto, definindo-o através de um conjunto específico de saberes e práticas. Essa maneira particular de se expressar representa a materialização de um discurso que é, em sua essência, moldado por uma matriz ideológica. Assim, percebe-se não apenas a impossibilidade de um discurso neutro, mas também que o significado de um mesmo enunciado pode se alterar profundamente de acordo com a perspectiva política manifestada na formação discursiva. Michel Foucault (2009) contribui para essa ideia ao afirmar que a verdade não é absoluta, mas uma construção histórica, fruto de sua época. Ela emerge do choque e da interação entre saberes, fazendo com que cada sociedade legitime seus próprios regimes de verdade por meio de seus discursos. O papel das instituições é fundamental para introjetar e validar as regras que controlam esses discursos, garantindo a manutenção das normas vigentes.

Contudo, é importante reconhecer que o controle exercido pelas formações dominantes não é absoluto. Nas brechas desses discursos hegemônicos, podem emergir formações discursivas dissidentes, que contestam posições estabelecidas e criam novos regimes de visibilidade para sujeitos e experiências marginalizadas. Uma obra literária que parte da vivência de uma travesti para narrar a sua comunidade, por exemplo, atua precisamente como um acontecimento discursivo de resistência. Ela não apenas desafia as narrativas que historicamente buscaram patologizar ou silenciar essas identidades, mas também funda um novo espaço de enunciação, no qual outras verdades, saberes e modos de existência podem ser articulados e legitimados.

2.2 A constituição do sujeito e da autoria travesti

O romance é estruturado como um monólogo de Simona, uma escolha formal que concentra toda a força enunciativa na voz da protagonista. Essa voz, no entanto, não emerge do vazio. O sujeito travesti que se constitui no texto é um sujeito fundamentalmente cindido, interpelado por discursos contraditórios. Como ensina Pêcheux (1990), o sujeito é assujeitado à ideologia, e é nessa sujeição que ele paradoxalmente encontra as condições para se tornar sujeito de seu próprio discurso.

Simona se constrói em constante diálogo (e confronto) com os discursos que tentam defini-la, patologizá-la e silenciá-la. A memória discursiva que a atravessa é povoada pelo discurso médico que a vê como doente, pelo discurso religioso que a condena como pecadora, pelo discurso familiar que a rejeita e pelo discurso social que a reduz ao estereótipo da prostituta marginal e perigosa. Sua enunciação é um esforço contínuo de ressignificação desses discursos. Por exemplo, ao narrar suas experiências com clientes, Simona subverte a lógica da vitimização. Ela não se descreve como uma vítima passiva do desejo masculino, mas como uma agente que domina as tecnologias do prazer, que manipula as fantasias dos homens e que extrai seu sustento (o aqûe) dessa economia libidinal. Ela ocupa a posição-sujeito de profissional do sexo com orgulho e pragmatismo, desafiando a moralidade burguesa que consome seus serviços na clandestinidade e a condena em público. Sua fala expõe a hipocrisia da FD dominante.

O título do livro “Neca” é, em si, um dispositivo discursivo. Sendo um dos termos do bajubá para pênis, a autora se apropria de uma palavra que designa o órgão central nas disputas simbólicas sobre seu corpo. Ao nomear Neca, ela transforma o que é visto pelo discurso cis-normativo como um “erro” ou uma “falta” (a presença do pênis em um corpo que se identifica como feminino) em emblema da identidade travesti. É um gesto de desidentificação, nos termos de Pêcheux: ela se identifica com a injúria para subverter seu poder.

A forma do monólogo também é significativa. Ao falar incessantemente, Neca preenche o silêncio que lhe foi historicamente imposto. Ela se torna a dona da narrativa, a autora de sua própria vida. O sujeito que emerge não é uno nem coerente; é fragmentado, atravessado por dor, prazer, sarcasmo, afeto e raiva. É um sujeito que se sabe precário, mas que encontra na palavra, na sua palavra em bajubá, a potência para se afirmar.

A subjetividade travesti em “Neca” é, portanto, uma subjetividade de fronteira. Ela se constitui na tensão entre a interpelação ideológica que a coloca na margem (o assujeitamento) e o gesto de tomar a palavra para se dizer em seus próprios termos (a resistência). O romance materializa discursivamente o que Berenice Bento (2006) chama de “a reinvenção do

corpo”, estendendo essa reinvenção para o campo da linguagem e da identidade. Simona não pede permissão para existir ou para falar; ela impõe sua existência e sua fala como um fato incontornável, um acontecimento discursivo que desorganiza a ordem estabelecida.

2.3 Corpo e erotismo como resistência simbólica

O discurso de “Neca” é radicalmente corporificado. A narrativa é construída a partir das sensações, dos fluidos, das dores e dos prazeres do corpo da protagonista. Nesse contexto, o erotismo e a escatologia não são elementos acessórios ou meramente provocativos; eles são dispositivos discursivos centrais na estratégia de resistência do romance. Eles funcionam para desafiar a formação discursiva dominante, que historicamente opera pela higienização, pelo controle e pela abjeção dos corpos que escapam à norma cis-heterossexual.

O erotismo em “Neca” é explícito, detalhado e, por vezes, brutal. As descrições dos atos sexuais, das fantasias dos clientes e dos desejos da própria Neca recusam qualquer tipo de eufemismo ou romantização. Essa crueza tem um efeito político claro: ela retira a sexualidade travesti do armário da perversão e a expõe como uma prática complexa, atravessada por poder, dinheiro, afeto e violência. Como propõe Paul B. Preciado (2014) em seu Manifesto Contrassexual, trata-se de desmontar as tecnologias de gênero e desejo que nos governam. A escrita de Moira é uma prática contrassexual que se recusa a obedecer aos protocolos do bom gosto e do decoro.

Ao narrar o sexo de forma não higienizada, Neca expõe a economia do desejo que sustenta a norma. Ela revela o fascínio e o fetiche do homem cis-heterossexual pelo corpo trans, um desejo que é publicamente negado e violentamente reprimido, mas que se manifesta no espaço privado do encontro pago. O corpo da travesti, no romance, torna-se um palco onde as contradições da masculinidade hegemônica são encenadas.

A escatologia funciona de maneira semelhante. A menção a fezes, urina e outros elementos considerados “sujos” ou “abjetos” é uma estratégia para confrontar o leitor com a materialidade última do corpo. Logo na primeira página da obra, a autora apresenta o seguinte trecho:

Passada! O ocó, cê acredita que ele pediu pra eu nenar na neca dele? Ainda bem que na neca e não na boca, porque cê sabe que tem. Nenar nenar, mona, que chequinho no truque nada. O negócio é que ele queria, a melequeira toda e ele lá se esbaldando. Se rolou? Oras, que jeito? A chuca feita recém, água saindo translúcida, praticamente potável, e dois minutos depois, não chegou nem a dar dois, olha quando me liga o lixo. Sem xoxação, eu ainda sentada no trono... e o futum de prova, tava só por Deus. Aquê babado que ele ia me dar, bicha. Uó. E, ó, tentar até tentei. Falei que ele ligou na hora certa, a Dona Nena na portinha quase, um puta dum equê, porque ia sair o quê, né? (Moira, 2024, p. 5).

Nessa passagem, o cliente de Simona, referido como “ocó” e “lixo”, pede que ela defeque em seu pênis — e não em sua boca. Entretanto, mesmo que quisesse atender ao pedido, Simona não conseguiria fazê-lo, pois havia acabado de realizar a limpeza anal, chamada de “chuca”, procedimento também conhecido como enema, que consiste na introdução de água no ânus para remover resquícios de fezes. É por isso que a personagem afirma que a “chuca” estava “feita recém” e que a água saía “translúcida”.

A formação discursiva dominante aqui, em forma de escatologia, tende a purificar a literatura, a elevá-la a um plano espiritual ou intelectual, descolado das necessidades e excreções do corpo. “Neca” recusa essa separação. O corpo que goza é o mesmo que defeca. A boca que articula reflexões filosóficas é a mesma que pratica sexo oral por dinheiro.

Esse recurso ao abjeto pode ser lido à luz das reflexões de Judith Butler (2019) sobre os “corpos que importam”. A sociedade define quais corpos são dignos de reconhecimento e luto e quais são considerados abjetos, indignos, cuja existência é precária. A travesti, especialmente a prostituta, é historicamente posicionada nesse lugar do abjeto. Ao abraçar a escatologia, o discurso de Neca se apropria do próprio mecanismo de exclusão. É um gesto que diz: “Vocês nos consideram lixo? Então nós vamos falar a partir do lixo. Vamos fazer literatura com o que vocês desprezam”. O uso do escracho e da ironia complementa essa estratégia. O humor corrosivo de Neca, sua capacidade de rir da própria desgraça e de debochar das convenções sociais, é uma arma poderosa. Ele quebra a solenidade, corrói a autoridade dos discursos sérios (médico, jurídico, religioso) e cria um espaço de leveza e cumplicidade em meio à brutalidade.

Portanto, erotismo, escatologia e escracho não são apenas escolhas temáticas. São estratégias discursivas que produzem efeitos de sentido políticos. Eles materializam uma recusa radical em se conformar às expectativas de representação. Neca não é uma “boa vítima” nem uma “heroína exemplar”. Ela é uma figura complexa, contraditória e profundamente humana, cujo discurso afirma o direito à existência em toda a sua potência, incluindo sua sujeira, seu desejo e sua fúria.

Considerações finais

Ao longo desta análise, buscamos demonstrar como o romance “Neca – Romance em bajubá”, de Amara Moira, constitui um acontecimento discursivo de grande relevância para o cenário literário e político brasileiro. A investigação, pautada pela Análise do Discurso de linha francesa, nos permitiu compreender o funcionamento da obra não como um simples retrato de uma realidade marginal, mas como um potente dispositivo de produção e disputa de sentidos.

Retomando nossa questão inicial – Como o bajubá, enquanto linguagem dissidente, funciona discursivamente em “Neca” como estratégia de subversão, reinscrição subjetiva travesti e crítica ao discurso dominante do cânone literário? –, a pesquisa confirmou nossa hipótese central. O bajubá, em “Neca”, transcende sua função comunicativa para se tornar a materialidade de uma formação discursiva travesti que desafia o monopólio simbólico da norma culta e dos discursos hegemônicos. Ele opera como uma língua literária autônoma, que exige do leitor um deslocamento e que, nesse processo, desestabiliza as hierarquias linguísticas e culturais.

A análise dos eixos propostos revelou que o bajubá funciona como um código que cria, simultaneamente, pertencimento para uma comunidade e estranhamento para o leitor não iniciado, invertendo a lógica da assimilação e afirmando a legitimidade de uma norma linguística própria, forjada na resistência. Além disso, a subjetividade travesti de Simona, a personagem principal, se constrói na tensão entre o assujeitamento aos discursos de poder que a marginalizam e a retomada da palavra como forma de agência. Sua voz, em primeira pessoa, reinscreve o corpo e a experiência travesti como produtores de saber, de afeto e de teoria. Consideramos também que o erotismo, a escatologia e o escracho funcionam como estratégias de resistência simbólica. Eles confrontam o projeto de higienização dos corpos e dos discursos, afirmando a potência política do abjeto e do desejo como formas de desestabilizar a moralidade dominante.

Espera-se, com este estudo, ter evidenciado como “Neca” constitui uma obra que nos obriga a repensar as fronteiras do que consideramos literatura. Ao inscrever a formação discursiva travesti no centro do fazer literário, Amara Moira não apenas “dá voz” a uma comunidade; ela demonstra que essa comunidade sempre teve uma voz, uma língua e uma produção de sentido riquíssima, ainda que sistematicamente silenciada.

O romance produz um conhecimento encarnado, que emerge da experiência e que se recusa a ser traduzido para os termos de uma racionalidade acadêmica ou literária que o neutralize. A contribuição desta pesquisa reside, portanto, em utilizar as ferramentas da Análise do Discurso para iluminar a potência política e estética desse gesto, sem, contudo, tentar “domesticar” sua radicalidade. O estudo de obras como “Neca” é fundamental para ampliar os horizontes da crítica e para reconhecer as novas formas e linguagens que estão reinventando a literatura brasileira hoje. A voz de Simona, em seu bajubá potente e visceral, ecoa como um chamado à insubordinação, provando que a literatura pode, sim, ser um campo de batalha e uma trincheira na luta por uma existência mais digna e livre para todos os corpos.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e violências**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Trad. Verônica Daminelli e Daniel Y. Gudim. São Paulo: n-1 edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991.

MOIRA, Amara. **Neca – Romance em bajubá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.